



Livro celebra 100 anos de Dona Cléo

FERNANDA P. SZUSTER



Genuína Fazendeira: Os frutíferos 100 anos de Cleonice Berardinelli presta homenagem ao centenário da professora, especializada nos estudos de literatura portuguesa. A obra, de 890 páginas, reúne ensaios acadêmicos e depoimentos de ex-alunos, amigos, pesquisadores, escritores e autoridades que fazem tributo à professora emérita do Departamento de Letras. **PÁGINA 11**

Padre Hortal: conhecimento, inovação e fé

Ex-Reitor da PUC, o jesuíta espanhol completa 90 anos. Conhecido pelo olhar inter-religioso, ele construiu um legado na área da educação. **PÁGINA 5**



FERNANDA P. SZUSTER

Escritório Modelo em Fernando de Noronha

Projeto da Estação Científica valoriza a sustentabilidade

MIGUEL DARCY



O projeto da base na ilha oceânica prevê laboratórios e alojamentos para pesquisadores de diversas áreas, além de espaços de exposição

Um dos finalistas na 4ª edição do Prêmio Saint-Goban de Arquitetura – Habitat Sustentável, o projeto Estação Científica de Fernando de Noronha foi desenvolvi-

do pelo Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo. A iniciativa, que envolveu estudantes e professores, surgiu a partir de uma cooperação técnica entre

a Universidade e a Marinha. A base de pesquisa pretende ser adaptada ao meio ambiente da ilha, e utilizaria materiais naturais, como madeira. **PÁGINA 3**

Excelência em educar crianças

Com 38 anos de carreira na Universidade, a educadora Sonia Kramer toma posse como Professora Titular. A pedagoga coordena o curso de especialização em Educação Infantil, projetos sociais e estudos judaicos. Pós-doutorada na New York University, ela é especialista em pré-escola e revela como herdou personalidade otimista com a família. **PÁGINA 4**

As diferentes facetas do Pai do Rádio

Neto do antropólogo e cientista Edgar Roquette-Pinto, o jornalista Claudio Bojunga presta homenagem ao avô em livro. Nele, Bojunga relata a importância do imortal da Academia Brasileira de Letras na luta pela educação dos brasileiros. Ele doou a Rádio Sociedade ao Ministério da Educação, mas exigiu uma programação apenas educativa. **PÁGINA 10**

Empresas sustentáveis recriam modo de produzir

Empreendimentos buscam um estilo de produção que cause o menor impacto ambiental possível. Assim, negócios em segmentos como arquitetura, design e moda se empenham em reutilizar materiais para gerar

uma experiência de maior conscientização. Algumas iniciativas surgidas na PUC têm procurado esse caminho. Mas há a dificuldade de arcar com o alto custo de fabricação de produtos sob demanda. **PÁGINAS 6 E 7**

REITOR

Nesta edição do Jornal da PUC, o Reitor padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., explica como as crises econômica e política do país repercutem na vida acadêmica. Segundo ele, é preciso três fatores fundamentais para saber lidar com essa situação: reflexão e solução, resiliência e realismo. **PÁGINA 2**

REITOR

Começar com esperança

Estamos iniciando mais um ano de atividades acadêmicas e culturais em nossa Universidade, mantendo os nossos princípios e ideais de nos empenharmos com determinação e sabedoria em buscar uma formação universitária que nos capacite para o exercício da profissão e, ao mesmo tempo, nos proporcione uma visão mais humanística e sistêmica do mundo em que vivemos.

As crises política e econômica em nosso país, e, no nosso Estado, repercutem no meio acadêmico, exigindo de todos nós três coisas fundamentais. A primeira, uma ampliação de nossa capacidade de refletir e apresentar soluções para os impasses na sociedade, com a consciência de que estamos vivendo contextos mundiais complexos, onde os nacionalismos colocam barreiras para a solidariedade entre os povos, com indícios de exclusão daqueles que buscam oportunidades e uma qualidade de vida melhor para as suas famílias. A segunda, refere-se à resiliência, ou seja, como buscar soluções inovadoras e inteligentes para sobreviver num contexto de crise econômica, onde os recursos que dispomos são escassos, e a margem de manobra em que dispomos na Universidade está no limite da sustentabilidade institucional. A queda do poder

aquisitivo da sociedade, a diminuição dos recursos nos projetos de pesquisa, e a pressão por bolsas de estudo, são fatos que tem um impacto em nossas Universidades comunitárias, como é o caso da PUC-Rio. A este propósito, teremos neste ano de 2017 de manter um estado permanente de vigilância com algumas propostas de reformas que estão sendo discutidas no Congresso Nacional, sobretudo no que tange aos direitos legais de imunidade às instituições comunitárias sem fins lucrativos. Uma mudança nas atuais regras, sem um debate maior na sociedade, e um estudo particular de cada Universidade, poderá repercutir negativamente nas ações filantrópicas que praticamos, em particular na política de bolsas que favorecem os jovens mais pobres. A terceira, um certo realismo com o contexto local do nosso Estado do Rio de Janeiro, que atravessa uma grave crise econômica, e comprometendo algumas conquistas particularmente nas áreas da ciência e tecnologia, colocando em situação difícil as Universidades Estaduais e as Fundações que amparam e apoiam as pesquisas. Já expressamos publicamente nos meios de comunicação a solidariedade da PUC-Rio com estas Instituições. Diante desta crise temos que manter certo espírito

de austeridade, evitando gastos desnecessários, sem abrimos mão da excelência no ensino e no nosso compromisso com uma educação inclusiva e de qualidade, pois isto é uma marca do nosso modo de ser, enquanto Universidade Católica.

Dando as boas-vindas, tanto aos calouros que iniciam como aos veteranos que retornam às atividades acadêmicas e culturais da PUC-Rio, gostaríamos que todos pudessem começar o ano letivo com o sentimento de esperança, pois esta virtude é fundamental para superar o pessimismo diante da perplexidade do contexto em que vivemos, onde às vezes é difícil perceber-se soluções imediatas a curto prazo. No entanto, enquanto casa do saber construída historicamente em valores humanísticos e cristãos, a PUC-Rio mantém a chama da esperança para superar as barreiras e quebrar os muros que impedem as divisões, os sectarismos, as exclusões, e a convivência fraterna com as diferenças.

Que Deus nos encha de coragem e esperança para enfrentarmos solidariamente mais um ano de desafio, contando com a colaboração de todos nesta missão comum.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

A importância de um bom conselheiro

Antigos alunos e profissionais de destaque no cenário nacional pelo sucesso de suas ações inovadoras, aceitaram participar do Conselho Consultivo e do Conselho Empresarial da AaA doando parte do seu tempo para o compartilhamento de suas experiências nas mais recentes iniciativas da Associação e da Universidade.

Realizar novos projetos sozinho, às vezes, não é fácil. Por isso, ter acesso a conselhos de alta qualidade pode ser um diferencial para aumentar as chances de su-

cesso nos novos empreendimentos. Daí a importância dos bons conselheiros.

Sem assumirem uma posição de tomada de decisões ou algum tipo de risco, desenvolvem estudos, enriquecem as discussões e expressam suas opiniões livremente, nas mais diferentes gamas de formações, proporcionando novas visões e dicas diferenciadas nos encontros realizados periodicamente pela diretoria, com o objetivo de articular ações que gerem as conquistas propostas.

Para as gerações mais jovens, com atitudes empre-

endedoras, é a oportunidade de desenvolvimento de suas ideias criativas e para um sábio conselheiro a possibilidade de ampliar sua rede de contatos e, principalmente, trocar experiências.

Para os alunos atuais, estes profissionais são referências do ensino da PUC Rio mostrando que seguindo a vocação e com o estudo perseverante é possível chegar na liderança e servir de exemplo para os demais.

■ RICARDO LAGARES HENRIQUES
PRESIDENTE DA AAA-PUC-RIO

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

250 anos de PUC-Rio

Memórias do mundo do trabalho: um centenário

FOTÓGRAFO DESCONHECIDO



Trabalhadores em greve reunidos no Centro do Rio de Janeiro (Revista Careta, Julho de 1917)

2017 é uma data importante para o mundo do trabalho no Brasil. Há cem anos, as greves, inicialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, e depois em outras cidades, mostraram ao país que o tempo da “inviolabilidade da vontade senhorial”, herança de quatro séculos de escravismo transplantada para o incipiente universo fabril, já não era incontestável. Pela primeira vez, greves gerais ecoaram reivindicações por melhores condições de trabalho e salários dignos.

As vitórias dos movimentos de 1917 não foram grandiosas. Mas o Estado, que considerava greves como um caso de polícia, teve que negociar com as lideranças dos trabalhadores, e reconhecer que o mundo do trabalho era parte da política.

Nenhuma das crianças obrigadas ao trabalho nas fábricas para complementar a renda familiar; nenhuma das mulheres que enfrentavam o trabalho fabril depois da jornada doméstica; nenhum operário que se viu diante da violência da polícia; ninguém que tenha vivido aquele distante 1917 jamais esqueceu as ruas desertas de uma cidade

em greve; o transporte público paralisado; o medo estampado nos jornais; o silêncio das máquinas paradas; a primeira experiência da força da organização dos trabalhadores. Poucos, no entanto, relacionaram o que ocorria então nas fábricas brasileiras com o quadro europeu resultante da primeira Grande Guerra ou com a revolução russa, também de 1917.

Por reconhecer que 2017 é um centenário significativo, o Núcleo de Memória da PUC-Rio quer fazer dessas crônicas um registro da história e da memória do trabalho e dos trabalhadores da Gávea, em 1917 um bairro operário, assim como da memória e da história do trabalho como tema de estudo e de pesquisa na PUC-Rio, e dos diversos trabalhadores, sejam eles funcionários, prestadores de serviços, operários, pesquisadores, professores ou quaisquer outros que fizeram e fazem realidade a Universidade.

Porque esse centenário merece ser lembrado.

■ PROFESSORA MARGARIDA DE SOUZA NEVES
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Vice-Reitor Comunitário: Prof. Augusto Sampaio. Coordenador-Geral: Prof. Miguel Pereira. JORNAL DA PUC - Jornalista Responsável e Editora: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora: Profª. Adriana Ferreira. Chefe de Reportagem: Profª. Rocélia Santos. Editores de Arte: Profª. Mariana Eiras e Prof. Diogo Maduelli. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. Anúncios produzidos pela Agência.Com. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: jornaldapuc@puc-rio.br. Impressão: gráfica Folha Dirigida.

ELISSA TAUBLIB

Com utilização de energia renovável e materiais naturais, o projeto Estação Científica de Fernando de Noronha representou o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da PUC entre os finalistas da 4ª edição do Prêmio Saint-Goban de Arquitetura – Habitat Sustentável. O projeto apresenta uma proposta interdisciplinar, de uma sede adaptada à natureza que a cerca. A base científica seria composta por laboratórios e alojamentos para pesquisadores de diversas áreas. A fim de promover a educação ambiental e a preservação do arquipélago, ela dispõe de espaços de exposição das informações coletadas pela comunidade científica.

O projeto foi coordenado pelos professores Vera Hazan, Luciano Alvares, Leila Silveira e Fernando Betim e desenvolvido em conjunto com os estagiários do Escritório. A iniciativa surgiu a partir de uma cooperação técnica entre a Universidade e a Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (SECIRM) - órgão vinculado à Marinha-, no fim de 2014. A Estação se integra em um grupo de bases de pesquisa nas Ilhas Oceânicas e poderia ser visitada por turistas por meio de voos comerciais. Supervisora do Escritório Modelo, a professora Vera Hazan observa o aspecto interdisciplinar do local.

– Há muitos interesses na área: urbanismo, sociologia, geologia, história, patrimônio. A parceria firmada entre a Marinha e a PUC, por meio do Escritório Modelo. Uma vez construída a Estação, as suas portas estariam abertas para a Universidade como uma das entidades pesquisadoras.

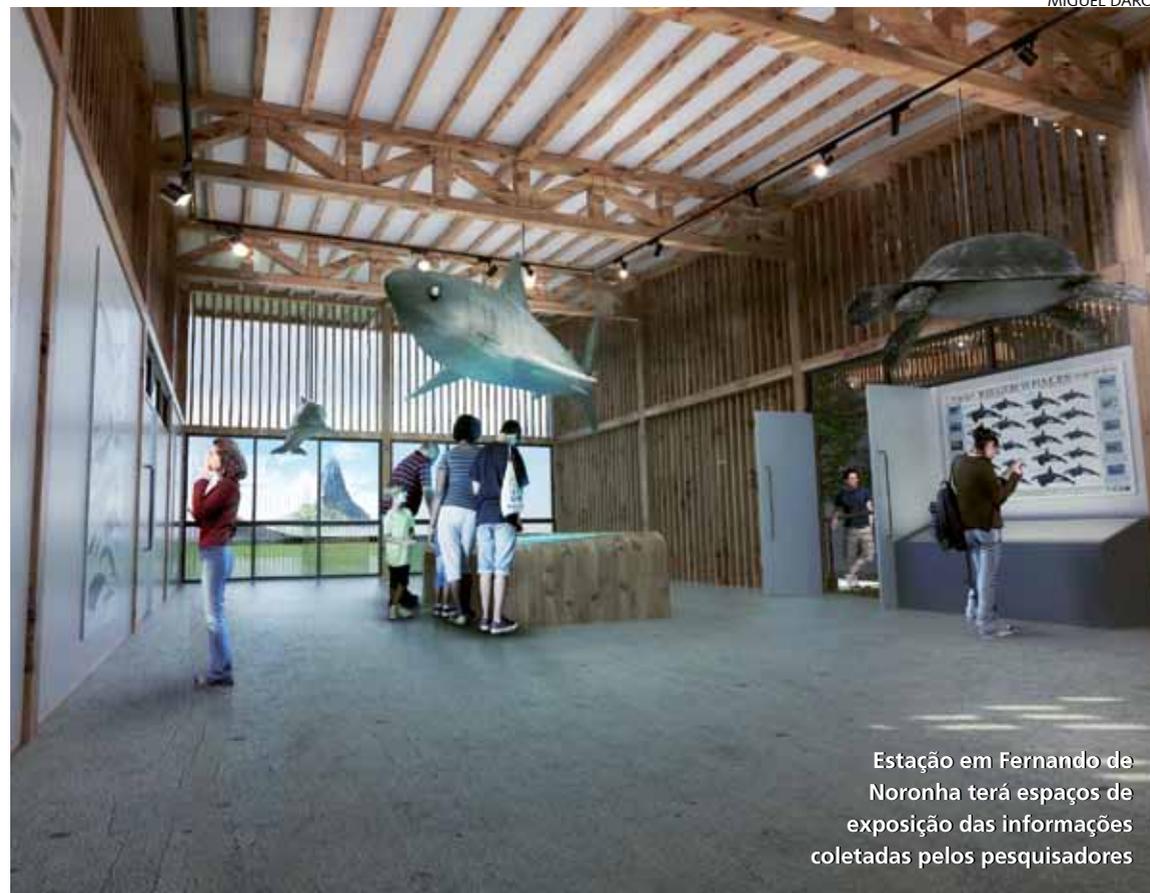
O professor Fernando Betim afirma que a ideia é que a Estação seja sustentável no quesito social, econômico e ambiental. Ele destaca que a estrutura de madeira da base mantém o carbono preso dentro da construção. Estudante de arquitetura, o estagiário Antonio Mauricio Pessoa explica que mais carbono é absorvido no plantio da madeira reflorestada do que é produzido na parte de transporte e obra. Ele observa que é preciso utilizar painéis solares e captação de água para garantir o funcionamento da Estação.

– A infraestrutura da ilha é muito precária, então, a inser-

Arquitetura: Professores e estudantes do Escritório Modelo projetam estação interdisciplinar

Base une ciência e meio ambiente

Iniciativa é fruto de parceria entre Universidade e Marinha



MIGUEL DARCY

Estação em Fernando de Noronha terá espaços de exposição das informações coletadas pelos pesquisadores



FERNANDA P. SZUSTER

Estudantes e professores trabalham em conjunto no Escritório Modelo

ção desse projeto no local depende de como o construímos e de como ele deve se manter lá. Em Fernando de Noronha, questões como água encanada e energia são complexas, então temos que tomar cuidado com isso – diz Antonio.

Vera ressalta a biodiversidade de Fernando de Noronha e chama atenção para a irregularidade da ocupação da área. Defende, ainda, que a presença do Escritório na Ilha, com a Marinha, possa reforçar o interesse do governo federal em conservar o

ando de Noronha e ensinaríamos para o pessoal da Marinha e para os moradores como lidar com a construção de madeira, explicaríamos como ela pode substituir as atuais construções que não seguem esse modelo – declara.

De acordo com o professor Luciano Alvares, o projeto foi planejado de forma a aproveitar a logística de transporte da Marinha. Para isso, ele revela que a estrutura de madeira já seria pré-montada no continente e deslocada em partes para a ilha. Alvares ressalta que a construção não tem concreto e a descreve como uma obra seca.

Desde 2015, o Escritório Modelo já realizou três expedições científicas em Fernando de Noronha – com passagem pelo arquipélago de São Pedro e São Paulo. Vera Hazan comenta a atuação dos estagiários como pesquisadores nessas viagens. Estudante de arquitetura, Julia Tabet participou da terceira excursão ao local onde seria construída a Estação Científica.

– Fui responsável por visitar o terreno e fazer as apresentações, uma responsabilidade muito grande. Eu acompanhei todo o processo, pude entender para quem estamos projetando. Ter experiência no lugar faz toda a diferença, coloca-se em prática o que é aprendido na Universidade.

A base faz parte de uma pesquisa de estruturas flexíveis, que envolve professores com doutorado e mestrado e estudantes do Escritório Modelo. Vera enfatiza que o conceito da Estação gira em torno da possibilidade da construção de se adaptar - não se tornar obsoleta. Ela se refere aos estagiários como colaboradores de projetos e afirma que os coordenadores realizam um papel duplo: são arquitetos e professores.

“ Em Fernando de Noronha, questões como água encanada e energia são complexas ”

Antonio Mauricio Pessoa

patrimônio ambiental do espaço. Vera afirma que a Estação é uma construção limpa, porque geraria poucos resíduos. Para a professora, a base científica deve ser um exemplo a ser reproduzido.

– Uma vez aprovado esse projeto, nós iríamos para Fer-

Reconhecimento: Educadora, Sonia Kramer toma posse como Professora Titular da Universidade, onde atua desde 1979

Paixão por crianças na escola

Pesquisadora é referência em políticas públicas para a Educação Infantil

ANA CAROLINA SALVADOR

Há 38 anos, a pedagoga Sonia Kramer contribuiu para a pesquisa em educação na Universidade. Em 1979, ela entrou para fazer mestrado e, desde então, se aprofundou a estudar e atuar na área de educação, com ênfase em Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Também se dedicou a cuidar da qualificação de professores, a trabalhar com políticas públicas e educação, alfabetização, leitura e escrita, infância e estudos judaicos. Graças a esta atuação intensa e de grande qualidade, Sonia tomou posse como Professora Titular do Departamento de Educação no mês de março.

Na Universidade, a professora coordena o Curso de Especialização em Educação Infantil; o Grupo de Pesquisa sobre Infância, Formação e Cultura (INFOC); o curso de pós-graduação em Estudos Judaicos, o curso Trajetórias Judaicas no Rio de Janeiro e Projeto Yiddish como Resistência e Experiência Identitária. Para Sonia, a par-



FERNANDA P. SZUSTER

Sonia Kramer é autora do livro 'Com a pré-escola nas mãos', que aborda o currículo para Educação Infantil

ceria que ela estabeleceu com a PUC desde 1979 foi fundamental para a formação de sua identidade profissional.

– Trabalhar aqui é uma experiência maravilhosa, pois o campus oferece a oportunidade de interagir com a diversidade, além de trabalhar com pesqui-

sas e projetos sociais.

O prazer em lidar com crianças surgiu durante a faculdade de psicologia, em 1971, que a educadora cursou antes de trocar por pedagogia, em 1973. Ela começou a estagiar logo no primeiro ano e, desde então, se apaixonou pela escola

e pelo trabalho de professora.

Ao entrar no mestrado, Sonia tentou, como professora de jardim de infância, entender a política do pré-escolar no Brasil. Em 1988, começou o doutorado, também na PUC-Rio, e em 1992, iniciou o pós-doutorado pela New York University.

Ligada fortemente à cultura e ética judaica, Sonia diz que conseguiu manter o otimismo graças à história familiar. Filha de um sobrevivente do campo de concentração nazista de Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial, a professora conta que o pai a ensinou a viver com alegria e com a possibilidade de transformação.

– A educação tem a ver com a escuta e o modo como o educador pode aprender, com o outro, a encontrar pistas para celebrar a vida.

De 1980 a 1990, a professora atuou intensamente em órgãos públicos para pesquisar e participar de políticas para ensino infantil. Uma consultoria resultou, em 1986, no livro *Com a pré-escola nas mãos* que escreveu sobre o currículo para Educação Infantil. Obra que faz parte de uma produção rica: ela escreveu mais de 80 artigos e participou da elaboração de 49 livros, 24 são de sua autoria e 25 têm a acadêmica como organizadora.

– Ser professora é se inquietar, aprender com o outro, dialogar e sobretudo, agir com responsabilidade.

OBITUÁRIO

Pascoal da Silva (1950 – 2017)

ANTÔNIO ALBUQUERQUE



O cuidado com as variadas espécies de plantas que caracterizam a PUC como um campus verde era uma das características do funcionário Pascoal da Silva, 66 anos, que morreu no dia 5 de março de pneumonia. Funcionário da PUC desde 1980, o jardineiro não era conhecido apenas pelo trabalho bem feito, mas também pelo caris-

ma que conquistava a todos. Pascoal deixa mulher e uma filha de 17 anos.

Pascoalzinho, como era chamado, não media esforços para cumprir as tarefas diárias e, por isso, sempre foi muito valorizado na Universidade. O líder da jardinagem José Carlos Ferreira de Almeida, 44 anos, destacou o amor de Pascoal pela PUC e o apreço com que ele cuidava do campus. Almeida conviveu com o jardineiro durante 17 anos.

– Ele fazia o trabalho corretamente. Pegava a mangueirinha de manhã, sem que ninguém precisasse pedir, e passava o dia cuidando das plantas do campus. De segunda a sexta, o procedimento dele era esse. Como já era mais velho, eu o encarregava

apenas de regar. Até com a idade que tinha, se eu pedisse para que limpasse um canteiro ou fizesse algum trabalho mais pesado, ele fazia. Tudo sempre muito bem feito, sem deixar nada pela metade.

O Vice-Reitor Comunitário, professor Augusto Sampaio, comentou que o trabalho de Pascoal era bonito de ver e destacou a alegria e a humildade que o caracterizavam como um profissional competente.

– As poucas vezes que ele veio me pedir alguma coisa, que era de direito dele, se mostrou muito tímido, muito humilde. Era extremamente concentrado no trabalho e eu achava isso muito bonito. Eu diria até que a atitude contemplativa dele com o ofício se assemelhava a um estado de oração.

SÓ USEI UMA VEZ
ESSA IMAGEM



não_autorizado.jpeg

COPIOU,
COLOU E
NÃO CITOU:
DANÇOU.

SEJA DONO DA SUA IDEIA.
PLÁGIO É CRIME.



Perfil: Especialista em Direito Canônico, ex-Reitor padre Jesus Hortal completa nove décadas

Sabedoria aos 90 cheia de juventude

Jesuíta esteve à frente da Universidade durante 15 anos

FERNANDA P. SZUSTER



Bem-humorado, padre Jesus Hortal compartilha experiências ao longo da carreira profissional na área da teologia e na vida acadêmica da PUC

THAÍS SILVEIRA

São mais de 30 anos de dedicação à PUC – como professor, diretor do Departamento de Teologia, Vice-Reitor Acadêmico, e, finalmente, Reitor. Além de ser uma referência religiosa, padre Jesus Hortal Sánchez, S.J. é um grande educador. Especialista em Direito Canônico, marco jurídico que regula a Igreja, e em Teologia Ecumênica, ele é um dos mais importantes canonistas do país. Com 90 anos recém-completados, padre Hortal permanece como um modelo para a PUC, para a Igreja Católica e para a cidade do Rio de Janeiro.

Espanhol de Figueiras, ele chegou ao Brasil em uma missão jesuíta no fim da década de 1950. As diversas excursões com a Companhia de Jesus fizeram-no conhecer diferentes culturas. Padre Hortal se formou em Filosofia pela Univer-

sidade Pontifícia de Comillas e em Direito pela Universidade de Salamanca, na Espanha, e em Teologia pela Faculdade de Teologia do Colégio Cristo Rei, no Rio Grande do Sul. Ele afirma que a motivação para se tornar padre e trabalhar com educação foi ajudar o outro.

– Em qualquer parte do mundo, ser educador é dar algo de si para o outro evoluir. O fundamental é transmitir a experiência de vida com Deus.

Cidadão do mundo, padre Hortal fala sete línguas e participou da edição do Código de Direito Canônico no Brasil na década de 1980. Na gestão como Reitor da PUC, ele sempre defendeu a internacionalização da Universidade. Atualmente, são mais de 500 estrangeiros no campus, número muito maior do que quando assumiu a Reitoria. Além disso, ele considera que a interdisciplinaridade é

fundamental para manter a excelência da instituição.

– A unidade no campus é muito importante. A convivência entre as diferentes áreas do conhecimento oferece uma visão mais completa e humana aos alunos.

Segundo a professora emérita do Departamento de História Margarida de Souza Neves, um dos legados do jesuíta foi a criação de uma Universidade participativa e flexível, possível graças ao respeito à autonomia dos departamentos e órgãos representativos de professores, alunos e funcionários. Ela ressalta a humanidade densa do religioso como uma de suas grandes virtudes.

– A maior qualidade dele é uma soma: é ser plenamente humano e, ao mesmo tempo, supercompetente e reconhecido na teologia. Ele é muito querido dentro e fora da Universidade.

O Reitor da PUC, padre

Josafá Carlos de Siqueira, S.J., destaca a devoção e competência do religioso.

– Padre Hortal é um professor e sacerdote que dedica a vida à Igreja e à Universidade. Ele tem a sabedoria de envelhecer com determinação e fé inquebrantável.

Outra marca do jesuíta é o olhar inter-religioso. Para professora Margarida, ele é um amigo da comunidade judaica. Segundo o coordenador do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teologia, padre Abimar Oliveira de Moraes, padre Hortal promoveu a manutenção da identidade da Universidade como católica, mas sempre com respeito e diálogo, de forma a pensar na formação integral da pessoa humana.

– Uma característica dele é o respeito à diversidade, a partir da percepção de que podemos nos unir e crescer com ela.

Padre Abimar conta que o jesuíta adquiriu um vasto conhecimento ao longo da vida, mas também soube acompanhar as mudanças do tempo. Aficionado por tecnologia, o religioso usa tablets e redes sociais com frequência. O coordenador do Programa de Pós-Graduação de Teologia ressalta a importância da participação do ex-Reitor no mundo universitário pela experiência com os jovens.

– A presença do padre Hortal na PUC beneficia os alunos por sua sabedoria, e, em troca, ele se rejuvenesce ao lado deles.

► Como uma discípula aprendeu com o mestre

Padre Hortal é um grande homem, um grande teólogo e grande professor, além de ser um grande padre. Fui aluna dele na minha Pós-Graduação na PUC-Rio na disciplina Ecumenismo. Ele ensina com alegria e dedicação e muita competência. Com ele, aprendi muito. Padre Hortal aceitou meu pedido de ser o orientador para o meu mestrado e para o meu doutorado. Eu completei as pós-graduações, mas o considero ainda como orientador, ou a mim mesma como sua discípula, porque gosto de aprender com as observações e sugestões dele.

É interessante ver como ele é uma pessoa de diálogo. Diálogo dos cristãos, diálogo com os judeus, diálogo com pessoas de outras religiões ou

sem religião, porque ele é uma pessoa de diálogo. Assim foi também como reitor, e assim continua a ser nas várias reuniões de que até hoje participa.

Além disso, sempre mostrou ser uma pessoa muito laboriosa. E um dia eu lhe perguntei o segredo de ele conseguir fazer tanta coisa, e ele me respondeu com o seguinte conselho: “Não se recusar ao trabalho que lhe for pedido”.

Sobretudo, o padre Hortal é um padre, acolhedor das pessoas e atento ao ministério sacerdotal, sempre com alegria e dedicação!

Tudo isso e muito mais é o ensinamento de padre Hortal para a PUC-Rio, para os que participam da Igreja, para a sociedade.

PROFESSORA DOUTORA MARIA TERESA DE FREITAS CARDOSO

Os desafios da produção sustentável

Iniciativas visam minimizar impactos no meio ambiente

MARCELO ANTONIO FERREIRA
E THAÍS SILVEIRA

Na encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco ressalta que uma verdadeira abordagem ecológica é sempre uma abordagem social. O pontífice chama a atenção no documento para a importância de trilhar um caminho de desenvolvimento alternativo, que respeite os limites ambientais: a produção sustentável. Porém, o desafio para empreendedores ainda é grande, pois falta conscientização sobre a importância de estabelecer procedimentos.

A concepção do processo produtivo de um material é apontada como um dos caminhos para um desenvolvimento sustentável. Algumas iniciativas estão na vanguarda desse movimento. A Maré, empresa fundada por João Victor Azevedo, designer e professor da PUC-Rio, produz “relógios conscientes”. O corpo deles é todo de madeira reutilizada. Além disso, o *dial* (parte interna do relógio) é de papel reciclado impresso em tinta orgânica. As duas peças do produto são completamente biodegradáveis, enquanto as pulseiras podem ser de couro reutilizado, câmara de pneu de caminhão, lona ou cortiça portuguesa.

A produção do empreendimento está entre o artesanal e o mecânico. A idealização é computadorizada, para dar precisão aos relógios, mas o acabamento é feito à mão, o que gera a “alma” do objeto. A operação é flexível e por demanda – o negócio ocupa apenas uma sala do Instituto Gênesis, na PUC-Rio, onde está incubado. Um

FERNANDA P. SZUSTER



Relógios são produzidos com madeira reutilizada e papel reciclado

“ Falta a consciência de pensar. A raiz de tudo é a ética ”

Tatiana Messer-Rybalowski



As três sócias da MIG
Jeans utilizam apenas
resíduos de tecido
em desuso para criar
peças novas



FOTOS DE DIVULGAÇÃO

dos desafios, segundo Azevedo, é arcar com uma fabricação muito cara, já que o trabalho é manual e de pouco volume.

– É um dilema desse tipo de organização (entre fabril e artesanal). Não conseguimos ter um preço que seja tão competitivo. Mas, por outro lado, as pessoas começam a entender que esse preço tem uma razão de ser.

A iniciativa surgiu do descontentamento do designer com o desperdício de madeira. Antes de fundar a Maré, Azevedo trabalhou em uma empresa de móveis e viu que as sobras, ainda utilizáveis, eram descartadas. Este novo investimento causa o menor impacto ambiental possível, por meio de um protótipo de madeira de reuso. E, graças ao alto nível de descarte do material, a oferta de matéria-prima é extensa. Atualmente, o professor e um estagiário cuidam da criação e montagem dos relógios.

Mesmo que de maneira lenta, a produção têxtil também

se adapta a uma nova forma de fabricar os seus produtos. A professora Tatiana Messer-Rybalowski, do Departamento de Artes & Design, estuda a relação entre moda e equilíbrio ambiental e ressalta a necessidade do bom senso na hora de consumir.

– Quando se fala de sustentabilidade, há o movimento de maior reaproveitamento e a utilização de matérias-primas não agressivas ao ambiente. Tudo na criação tem limite. Trabalhamos com matéria-prima. Poliéster e poliamida são frutos do petróleo. O algodão só

é produzido em escalas tão largas por causa do uso de agrotóxicos. Na Inglaterra, os aterros sanitários não têm mais capacidade de armazenar roupas.

Segundo Tatiana, os problemas causados pelo consumismo atingem ainda o social. E, como consequência, há exploração de mão de obra barata.

– Hoje, produzir roupa na China encareceu. A produção foi para Bangladesh. E, quando ficar caro, será procurado outro polo de pobreza. Falta a consciência de pensar. Consumo, moda e sustentabilidade. A raiz de tudo é a ética.

Atualmente, em contrapartida ao consumismo exagerado, novas marcas tentam se destacar. É o exemplo da MIG Jeans, que utiliza apenas resíduos de jeans em desuso para produção de peças originais. A MIG foi criada pelas amigas Isa Maria Rodrigues, Mayra Sallie e Luana Depp, que se conheceram durante um curso de produção de moda.

Isa explica que, inicialmente, o projeto era para ser apenas um brechó de customização idealizado para uma matéria de empreendedorismo de um curso técnico. Mas, devido à afinidade entre as jovens e ao bom resultado da parceria, as três decidiram investir.

– Trabalhamos de forma circular, em que não só vendemos as peças exclusivas das coleções, mas também oferecemos serviços. Transformamos os

“
A pesquisa
está no nosso
DNA, por isso
temos esse
vínculo com
a PUC
”

Mario Seixas

produtos que as pessoas trazem de casa e que seriam descartáveis, como algumas com manchas. Elas também têm a opção de doar e trocar por desconto em outras peças. Esse sistema gera uma experiência sustentável para a conscientização.

Outra iniciativa inovadora é a Bambutec, uma empresa de arquitetura que busca utilizar o design como ferramenta de transformação social. Os fundadores do empreendimento são os designers e ex-alunos da PUC Mario Seixas, professor do Departamento de Artes & Design, e João Bina.

Eles usam o bambu como base para os projetos, e o grande diferencial, comparado à arquitetura clássica, é a leveza das construções. Segundo Seixas, as estruturas são triangulares e retráteis, o que faz com que sejam eficientes e flexíveis.

Os dois sócios montam estandes, tendas, coberturas e

galpões. Eles também oferecem o know-how para os setores de cenografia. O anfiteatro Junito Brandão, no campus da PUC, é um dos exemplos de trabalhos assinados pela Bambutec.

A empresa surgiu de pesquisas realizadas com materiais naturais pelo Grupo de Materiais e Tecnologias Não Convencionais (GMTENC), do Departamento de Engenharia Civil, e do Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD), do Departamento de Artes & Design. De acordo com Seixas, eles são, em primeiro lugar, pesquisadores em busca de novas soluções.

– A pesquisa está no nosso DNA, por isso temos esse vínculo com a PUC. Mas é preciso ganhar expressão no mercado para trazer resultados concretos de aplicação social. O reconhecimento das pessoas retroalimenta a pesquisa. No começo dos anos 2000, um quinto da população mundial morava em casas de bambu. Ou seja, ele não é, por si só, uma novidade. Porém, ele está sendo redescoberto pela engenharia e pela arquitetura.

O trabalho é feito com bambu plantado pela própria empresa. Os diretores afirmam que o comportamento do material no ambiente é, muitas vezes, imprevisível. Por isso, o ideal é compreender todo o processo de desenvolvimento desse tipo de planta. O bambu é defumado ainda no sítio onde é colhido. Depois, recebe uma manta de algodão e uma pintura de terra crua com cola branca. Por cima disso, é aplicada resina de mamona. Essa cobertura, por sua vez, protege a planta das intempéries e, ao mesmo tempo, permite que ela respire.

Um dos grandes desafios no trabalho, segundo os diretores da empresa, é a conscientização. Para eles, o modelo de desenvolvimento de negócios hoje é predatório, de superexploração. E, observam, ainda há muito desconhecimento com relação ao bambu.

– As pessoas acham que bambu é antigo, de contexto rural. O primeiro desafio é trazer a ideia de que o ele é um material nobre e precisa ser cuidado – finaliza Bina.

Seixas mostra as
estruturas de bambu com
formas triangulares

FERNANDA P. SZUSTER



Mobilidade urbana: Para driblar a dificuldade de locomoção na cidade, alunos compartilham espaço nos veículos

Transporte alternativo diário

Estudantes criam aplicativos de bate-papo para esquemas de carona

ERICK FOTI

Engarrafamentos, transportes públicos saturados e cansaço. O deslocamento diário do carioca pela cidade tem sido um desafio difícil de ser resolvido. Novos meios de transporte, como o BRT e o VLT, a construção de vias, como a Transcarioca, e a modernização das linhas de trem e metrô são exemplos das mudanças que serviram à Olimpíada e se mantiveram como um legado à população. Apesar desses investimentos, o carro ainda é muito adotado como um meio de transporte diário, inclusive, por universitários. Com o objetivo de ajudar os colegas e dividir os custos do trajeto, as caronas universitárias têm se tornado bastante populares.

Em maio de 2016, os estudantes de Comunicação Social Bernardo Brites e Manuela Oliveira criaram o grupo Caronas PUC Barra/Recreio, em um aplicativo de bate-papo, para facilitar a organização de viagens. A ideia rapidamente conquistou outros adeptos e já reúne cerca de 200 estudantes da Universidade. Segundo Bernardo, a principal razão para que eles tomassem essa iniciativa foi a alteração nas linhas de ônibus que serviam de opção para o trajeto.

– Antes, não havia dificuldade para vir da Barra para a PUC porque tinha a linha 309, que depois foi alterada para Integrada. Com essas mudanças, conversei com amigos e tivemos a ideia de criar um grupo de caronas. O legal é que colocamos todos os participantes como administradores e essas pessoas podem adicionar conhecidos da PUC que queiram entrar para as caronas. Apesar de o grupo ser apenas da Barra/Recreio, pessoas que ficam pelo caminho também podem solicitar caronas.

Para que o grupo atingisse o número de pessoas que agrega hoje, os estudantes fizeram divulgação em redes sociais e pelo tradicional boca a boca. Apesar disso, Bernardo ainda considera o grupo pequeno



DIOGO MADUELL

para uma Universidade como a PUC e pensa que muitas pessoas de outros cursos ainda não conhecem a iniciativa. O estudante assinala que a mesma dinâmica poderia funcionar muito bem em caronas para outros destinos e destaca o quão bom é a experiência.

– Entre ter três lugares vazios no carro e ir com várias pessoas, acho muito melhor ir com mais gente, porque assim vamos conversando e, até mesmo, criando laços sociais. Praticamente metade das pessoas que me deram carona nunca pediu que eu contribuísse, e as que pediram nunca cobraram um valor exorbitante.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), um grupo de amigos percebeu as dificuldades diárias de muitos estudantes para chegar à Cidade Universitária, mais conhecida como Ilha do Fundão. Após conversarem com professores, amigos e colegas de univer-

sidade, os estudantes Michel Balassiano, Manuel Meyer, Cecília Galli e o mestre em Engenharia de Transportes Gabriel de Oliveira foram estimulados pelo concurso Soluções Sustentáveis, em 2014, a criarem o aplicativo Caronaê UFRJ, que lhes rendeu a primeira colocação. Hoje, a equipe está maior e tem a participação dos estudantes Gabriel Menezes e Igor Rocha, além da arquiteta e urbanista Luisa Teixeira. Segundo Michel, o aplicativo foi idealizado para garantir a segurança dos usuários a partir da conexão com o sistema da Universidade.

– A ideia de criar uma plataforma de caronas definitivamente não foi nossa. Já existem diversos aplicativos para caronas ou viagens de táxi amplamente conhecidos. Nosso pulo do gato foi o vínculo com a Intranet UFRJ, garantindo segurança ao sistema. Lembro-me bem quando nos reunimos

“
Nas caronas,
as pessoas
socializam,
conversam e
até se tornam
amigas
”

Bernardo Brites

para esboçar o que poderia vir a ser um sistema institucional de caronas, composto por aplicativo mobile, pontos de encontro, criando áreas de convivência, e mudança de cultura com uma campanha a favor da carona – conta Michel.

Apesar de considerar o sistema de caronas universitárias uma alternativa mais confortável, o professor Eu-

gênio Leal, do Departamento de Engenharia Industrial da PUC-Rio pensa que o problema de deslocamento urbano do Rio de Janeiro é muito mais profundo. A maior vantagem dessa alternativa, segundo ele, é o preenchimento de todas as vagas de um carro, o que reduz o número de veículos particulares nas ruas e a emissão de gás carbônico. Leal cita as faixas exclusivas de Los Angeles para veículos que têm mais de dois passageiros como um estímulo à prática de compartilhamento em outros países. Para o professor, o transporte público precisa ser bom o suficiente para que os estudantes que dão caronas queiram utilizá-lo para ir à universidade.

Ao falar das possíveis soluções para que isso aconteça, o engenheiro critica a forma como o governo prioriza os investimentos no BRT que, apesar de ter melhorado a mobilidade urbana carioca, não representa uma solução por ser um meio de transporte de média capacidade. Dessa forma, o metrô e os trens deveriam ser priorizados, observa, pois conseguem transportar um maior contingente de pessoas.

– A obra do metrô, apesar de ser mais cara e mais demorada, devolve o espaço para a cidade quando pronta. O BRT Transcarioca, por exemplo, custou menos, ficou pronto muito mais rápido, mas divide a cidade e traz consequências permanentes ao espaço urbano. Quando o metrô opera na superfície, ele, ainda assim, é melhor do que BRT em termos de capacidade e impacto ambiental.

O funcionamento do bilhete único foi outro ponto criticado por Eugênio. Para ele, os interesses das empresas responsáveis pelo transporte público carioca são priorizados pelo governo do estado, o que acaba desfavorecendo a população. Segundo o professor, o sistema de cobranças deveria ser similar ao das cidades mais avançadas do mundo, em que há um valor único para que o usuário utilize quantos veículos ele quiser ao longo do dia.

Saúde: Portadores de doença neurológica debatem sobre a falta de informação e como tratar o assunto naturalmente

Controlar os altos e baixos da epilepsia

Distúrbio que afeta 1% da população é pouco abordado pela sociedade

DÓRIS DUQUE



Autor do blog *Falando de Epilepsia*, Gustavo Leão tem o distúrbio e utiliza a ferramenta para mostrar que é possível ter uma vida ativa e normal

ERICK FOTI

O que os escritores Fiódor Dostoiévski e Machado de Assis e o pintor Vicent van Gogh têm em comum? Três gênios e uma doença: a epilepsia. Para compreender melhor este distúrbio, março foi escolhido o mês para trazer à tona uma série de discussões sobre o assunto. Pessoas de todo o mundo se reúnem, em diversos locais, para falar sobre a origem deste tipo de transtorno, procedimentos, tratamentos, dentre outros tópicos relacionados à epilepsia. A ideia é desmistificar a doença, pouco abordada na sociedade. Apesar dos avanços da ciência, alguns preconceitos causados pela desinformação ainda atormentam quem sofre com o distúrbio.

Ao contrário do que muitos pensam, a epilepsia é caracterizada por uma sucessão de crises convulsivas. Qualquer pessoa

pode sofrer uma crise e não necessariamente ter a doença. Essa manifestação esporádica pode acontecer por diversas causas, como por excesso de bebida alcoólica, traumas na cabeça, estresse ou AVCs.

Segundo a coordenadora do curso de pós-graduação de Neurologia da Escola Médica de Pós-Graduação da PUC-Rio, professora Maria Lúcia Pimentel, uma crise epilética ocorre quando os neurônios do córtex cerebral deixam de realizar as descargas elétricas como mecanismo fisiológico normal e descarregam todos ao mesmo tempo.

A epilepsia pode ter origem em diversas áreas do cérebro e, com isso, causar alterações sensoriais. As crises podem ser caracterizadas como parciais, quando as descargas simultâneas atingem apenas uma parte do cérebro, ou generalizadas, quando todo o encéfalo é afetado.

A professora explica que, apesar de ser popularmente relacionada a convulsões, a epilepsia pode causar uma série de diferentes sintomas, que variam de acordo com a área de origem das crises no cérebro.

– Existem crises que todo mundo reconhece, como a tônico-crônica generalizada, que causam convulsões e são fáceis de diagnosticar, mas, às vezes, os pacientes têm ausências ou outras manifestações que podem passar despercebidas por muito tempo.

Os tratamentos relacionados à doença resumem-se a remédios com o objetivo de controlar as crises, já que não há uma cura definitiva. Segundo Maria Lúcia, procedimentos cirúrgicos podem ser adotados, desde que a patologia tenha alguma causa aparente, como um tumor, e a operação não ofereça riscos ao paciente.

“
Quero que falem sobre epilepsia de uma forma natural”

Gustavo Leão

Cerca de 1% da população mundial é portadora do distúrbio. Inclusive, personalidades, como os escritores Dostoiévski e Machado de Assis, e o pintor Van Gogh sofriram de epilepsia e nunca tiveram a genialidade afetada por isso. Tal distúrbio não é incapacitante e existem inúmeras histórias de controle e superação das dificuldades causadas por ele.

Portador de epilepsia e dono do blog *Falando de Epi-*

lepsia, o comerciante Gustavo Leão, 35 anos, convive com os distúrbios epiléticos desde a infância e passou por uma trajetória conturbada até a estabilização. Ao longo do amadurecimento pessoal, Leão conviveu com altos e baixos das crises e teve dificuldades para terminar os estudos e se relacionar socialmente.

– Quando eu era garoto, ficava triste porque sempre que ia na casa dos meus colegas acabava dormindo. Isso acontecia porque os neurologistas me davam remédios fortes, que atrapalhavam o meu cotidiano, para evitar as crises. Com isso, eu ficava um pouco devagar.

Depois de começar a se tratar com a neurologista Elza Márcia Yacubian, o comerciante evoluiu gradativamente e conseguiu uma melhor qualidade de vida. Ele se apaixonou pelo esporte e começou a praticar corridas. Em março de 2016, recebeu um convite para participar da meia-maratona de Nova Iorque. Quando retornou, a irmã dele resolveu fazer um blog infantil e o inspirou a escrever o *Falando de Epilepsia*. Desde então, ele usa essa ferramenta para falar sobre o tema e passar autoestima para outros portadores, mostrando que o distúrbio não o impossibilitou de praticar as atividades diárias e ter uma vida ativa.

– Eu quero que as pessoas saibam o que é a epilepsia e falem sobre isso de uma forma natural, como se fala com uma pessoa que tem qualquer outro distúrbio. Quero que outros portadores olhem para mim e pensem que também podem se estabilizar. Para muitas pessoas, quem sofre da doença é considerado incapaz. Isso não quer dizer que a sociedade é preconceituosa, apenas acho que não se tem a informação correta.

História: Claudio Bojunga escreve livro para apresentar os múltiplos lados do Pai do Rádio, Edgar Roquette-Pinto

JULIANA VALENTE



Emocionado, o professor de Comunicação Claudio Bojunga lê trechos do último capítulo do livro 'Roquette-Pinto - O corpo a corpo com o Brasil'

Luta pela educação e saber para o povo

Por três anos, neto pesquisou para lançar livro sobre avô

JULIANA VALENTE

Símbolo de alma, leveza e transição, as borboletas podem ser encontradas na natureza, em diferentes tonalidades e tamanhos, bem como nas páginas do livro lançado pelo professor e jornalista Claudio Bojunga, *Roquette-Pinto — O corpo a corpo com o Brasil*. Ao marcarem o início de cada capítulo, as borboletas *Roquettea Singularis* e *Agria Claudia Roquettei* lembram a homenagem prestada pelos naturalistas àquele que tanto fez em prol da antropologia e dos estudos científicos.

Conhecido, principalmente, como o Pai do Rádio no Brasil, Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) possuía outras facetas pouco conhecidas. Médico, antropólogo, professor e naturalista, lutou pela democratização da educação e contrariou parte da comunidade

científica de sua época na tentativa de provar que a miscigenação não era negativa, mas, sim, um legado do país. No livro, Bojunga, que é neto do cientista, busca apresentar esses múltiplos lados.

A ideia de escrever o livro surgiu de um desejo antigo do autor, que levou três anos de pesquisa. Professor do Departamento de Comunicação Social, Bojunga comenta que outro fator que o motivou foi o processo de esquecimento por parte das pessoas sobre quem foi Roquette-Pinto.

— Li a biografia de Gilberto Freyre escrita pela Maria Lúcia Pallares-Burke e nela há um capítulo inteiro sobre meu avô. Existem várias biografias sobre ele e quase nenhuma toca no nome de Roquette-Pinto. Fico me perguntando como o homem que escreveu *Casa-Grande & Senzala* diz em sua primeira edição que faltou alguém

como meu avô para ensiná-lo e ainda faz uma dedicatória a ele na segunda edição da Sociologia, “em memória do maior mestre de antropologia que já teve o Brasil”, e, mesmo assim, as pessoas não falam dele. Ele só é visto como Pai do Rádio, a parte antropológica, infelizmente, pouco se fala.

A obra-mestre de Roquette-Pinto foi *Rondônia*, que completa 100 anos de publicação em 2017. O livro é uma das heranças da Comissão das Linhas Telegráficas Estratégicas, conhecida como Missão Rondon. A obra é fruto de estudos escritos, em um caderno de anotações na quebrada das matas, sobre os índios parecis e os nhambiquaras e faz importantes observações sobre a ecologia e a vida dos sertanejos do interior de Mato Grosso. Para Bojunga, essa expedição foi fundamental para a região.

— Rondônia tem um valor

etnográfico, cultural e científico. Meu avô sempre falava que a linha telegráfica foi apenas um pretexto, e que o maior ganho foi o avanço da ciência porque levou pessoas que estudaram as plantas, aves e os homens. Foi ele que propôs denominar aquela região de Rondônia em homenagem ao Marechal Rondon.

A educação foi uma das bandeiras mais levantadas por Roquette-Pinto, que ocupou durante 26 anos a cadeira 17 da Academia Brasileira de Letras (ABL). Além de ser o precursor do rádio no Brasil, foi um dos pioneiros no cinema educativo ao lado do cineasta Humberto Mauro. Bojunga ressalta a importância do avô na luta pela educação porque queria levar saber ao povo e desejava produzir filmes para educar e instruir a população.

— Ele sustentava a ideia de que o brasileiro precisava ser

educado e não substituído. Para mim, importância histórica dele foi a fé, de verdade, em nós e na dignificação do homem. Além da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ser feita apenas de cultura, ele também queria um cinema didático. Dois dias depois que ele morreu, o Carlos Drummond de Andrade escreveu uma crônica em que dizia que homens como Roquette-Pinto nos ensinam a ter esperança no homem. E é isso: ele foi um personagem raro no Brasil.

Como era um homem modesto, Roquette-Pinto se viu obrigado a doar a Rádio ao então Ministério da Educação e Saúde, em 1936, quando o governo exigiu que ela tivesse um potencial maior de transmissão. Mas, para isso, Roquette-Pinto impôs que a rádio transmitisse apenas programação educativa.

A crise que as rádios atravessam, principalmente a da Rádio MEC, é vista com tristeza pelo autor que lamentou o abandono da sede.

— A Rádio MEC está sucateada. É muito triste vê-la assim porque ela foi mantida a sangue, suor e lágrimas. Ela não está respeitada e incentivada. É preciso reabrir a sua sede, que foi feita com muito sacrifício. As coisas de qualidade estão sendo abandonadas porque eles nos nivelam por baixo. E isso não passa de um preconceito. O que eles chamam de democratização é uma vulgarização porque é mais fácil ganhar dinheiro com ela do que com o esforço de elevação.

O último capítulo da obra, chamado de *Meu avô*, fica a cargo meramente do neto. Nele, Bojunga deixa de lado o papel de pesquisador e faz uma análise pessoal do biografado.

— Quando penso no meu avô, me vem o cheiro do charuto e a imagem daquele homem que vivia de maneira modesta e que infundia respeito. Eu sempre me perguntava porque o respeitavam tanto em um país que as pessoas gostam somente de poder e dinheiro. Ele era como se fosse uma exceção. Mas, ao mesmo tempo, eu tinha noção de que ele era um homem que sabia de muitas coisas. Quando íamos para Petrópolis, ele explicava a estrada, as montanhas, as árvores ganhavam nomes e, de repente, você conseguia ver o mundo de maneira diferente.

ELISSA TAUBLIB

Homenagem: Livro comemora centenário de professora emérita do Departamento de Letras

Os frutíferos 100 anos de Cleonice

Obra reúne textos e relatos de ex-alunos e autoridades

FOTOS FERNANDA P SZUSTER

Genuína Fazendeira: Os frutíferos 100 anos de Cleonice Berardinelli é uma compilação de relatos e ensaio acadêmicos de pesquisadores, escritores, ex-alunos e autoridades que homenageiam o centenário da Professora Emérita do Departamento de Letras e os serviços por ela prestados aos estudos de literatura portuguesa. Organizado por Gilda Santos, da UFRJ, e Paulo Motta, da USP, a obra foi publicada pela Editora Bazar do Tempo, e reúne depoimentos de fontes como o presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Domício Proença Filho, e o Reitor da PUC, Padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J.

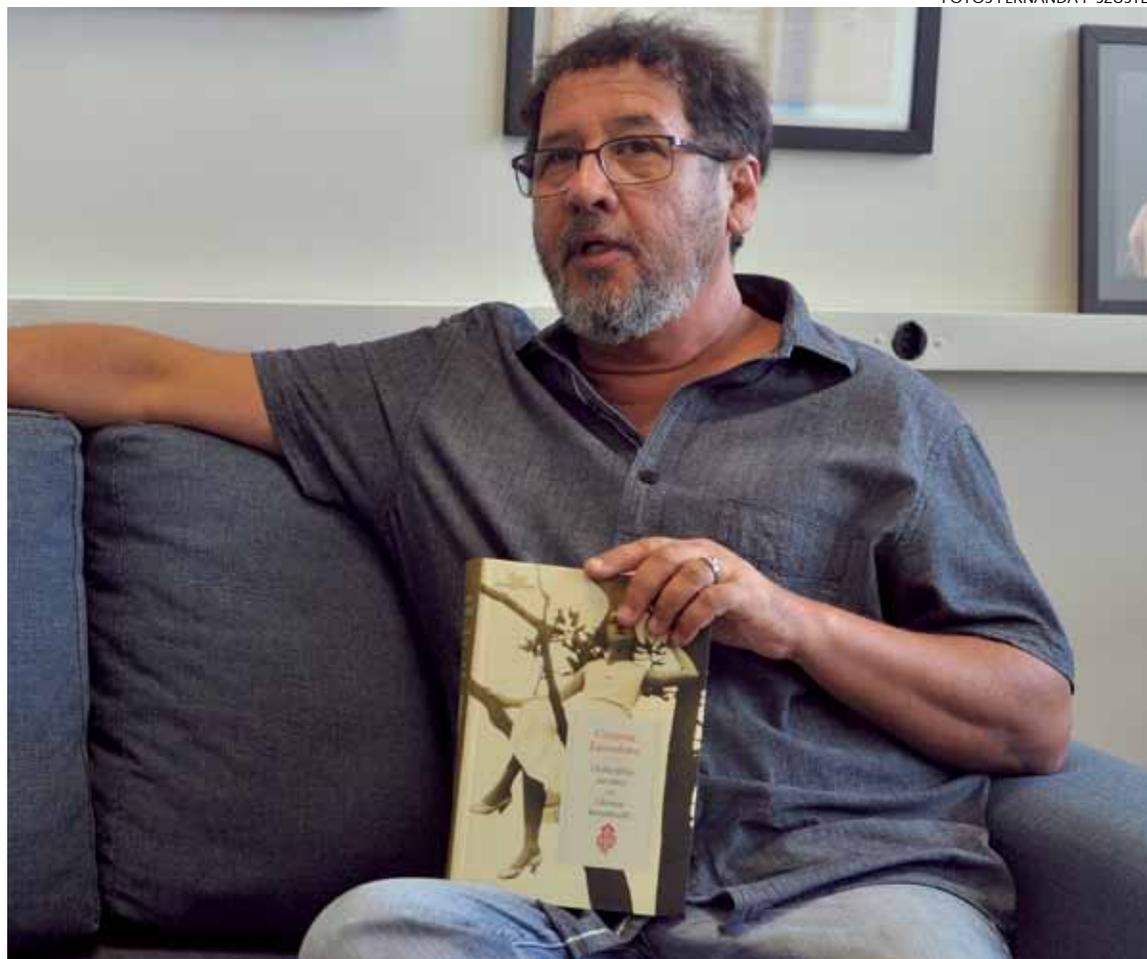
Sexta ocupante da cadeira nº 8 da ABL, Cleonice é especialista em Luís de Camões e Fernando Pessoa. O diretor do Departamento de Letras, professor Alexandre Montauray, aponta para a paixão com que ela exerce o ofício. Ele nota que a pesquisadora já orientou mais de 50 conclusões de mestrado e doutorado. E observa que Dona Cléo, como muitos a chamam, deixou uma marca de rigor intelectual e, ao mesmo tempo, de sensibilidade literária.

– Cleonice dava aulas com brilho nos olhos. As diferentes gerações de docentes que tiveram a oportunidade de trabalhar com a professora também puderam aprender com ela e, sobretudo, com a sua paixão contagiante pela literatura – declara Montauray.

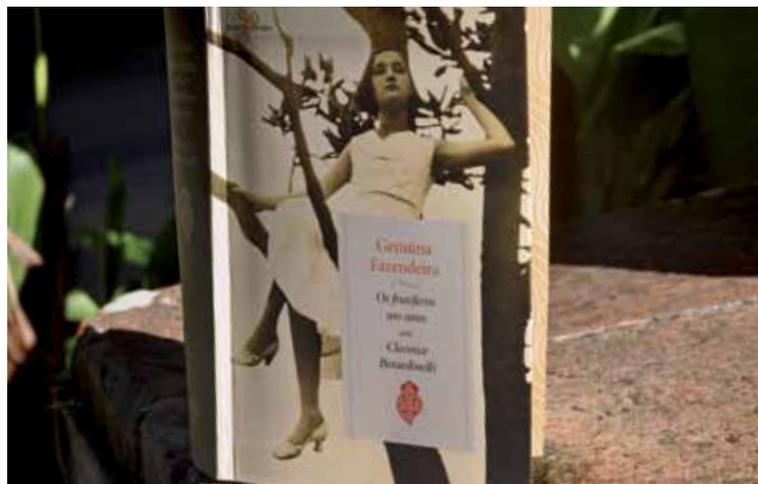
Decano do Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH), Júlio Diniz, foi um dos co-organizadores do livro – em conjunto com Ida Alves, da UFF, e Sofia de Sousa Silva, da UFRJ. Ele comenta que as 900 páginas não são suficientes para contemplar o legado da mestra. Segundo Diniz, nenhuma obra conseguiria traduzir toda a importância da autora.

– Ela, sua voz, seus gestos, seus textos, aulas, conferências são forças estéticas produtivas, potências incapturáveis que não podem ser contidas em um livro. Dito isto, *Genuína Fazendeira* cumpre seu papel: é uma tentativa bem-sucedida de ativar o legado da Dona Cléo como constituinte de memória individual e da memória coletiva de uma comunidade, lusófona por constituição e multicultural por escolha.

Alexandre Montauray destaca as centenas de professores e pesquisadores orientados dire-



Decano do CTCH, o professor Júlio Diniz foi um dos co-organizadores do livro que tem quase 900 páginas



O livro *Genuína Fazendeira* é uma compilação de textos e depoimentos

tamente pela docente. Ressalta, ainda, os livros e artigos publicados por ela, e os milhares de alunos que assistiram às aulas dela. Para ele, a contribuição da acadêmica é viva e permanecerá em circulação entre estudantes, pesquisadores e críticos da área.

O diretor defende que o livro *Genuína Fazendeira* honra o legado da especialista em Literatura Portuguesa porque mantém o pensamento dela em difusão. Ele alega que as gerações de estudantes que não tiveram a oportunidade de ter

tenário de uma pessoa que dedicou a vida ao ensino e à pesquisa já é razão suficiente para a homenagem. No caso dela, o tributo se torna ainda mais legítimo pela qualidade e pelo alcance da obra e do legado dela.

Diniz explica que o título do livro é referência ao poema-dedicatória escrito por Carlos Drummond de Andrade, em maio de 1965, para Cleonice. Afirma que o texto funcionou como provocador e inspirador da organização dos textos no livro. O Decano constata o marco de Cleonice no ensino da literatura portuguesa no Brasil – e, mais tarde, no exterior. Ele evidencia que a acadêmica foi responsável pela formação de gerações de leitores e professores que hoje atuam em universidades de diversos países.

– Seus textos abriram as portas de todo tipo de gente que se interessa pela literatura, história e cultura portuguesas. E, recentemente, com o filme *O vento lá fora* – dirigido por Márcio Debellian – ela passa a alcançar o público do cinema e da televisão, mostrando, ao lado de Maria Bethânia, a força interpretativa ao ler os textos de Fernando Pessoa e seus heterônimos – afirma.

Desenvolvido pelo decanato do CTCH, em parceria com o Núcleo de Memória da PUC, o site comemorativo do centenário de Dona Cléo será lançado neste semestre. Diniz informa que a página dispõe de documentos, fotos, vídeos, textos e depoimentos. Ele enfatiza que a importância da lusitanista é inquestionável em nível nacional e internacional.

– É o mínimo que podemos fazer em reconhecimento à dedicação da nossa mestra ao ensino, à pesquisa, à formação de quadros e à divulgação da literatura portuguesa em nossa universidade e pelo mundo afora.

“ Sua voz, seus gestos, seus textos, aulas são forças estéticas produtivas ”

Júlio Diniz

Cleonice como professora poderão, por meio da obra, conhecer algumas releituras do trabalho dela – além do afeto de intelectuais que, em algum momento, foram tocados pela sensibilidade da autora.

– A comemoração do cen-

Exposição: Seleção apresenta trabalhos de 14 artistas de ateliê carioca no Solar Grandjean Montigny, na Universidade

Em torno das cinco peles

Teoria do arquiteto Hundertwasser serve como inspiração para mostra

O Solar Grandjean Montigny da PUC-Rio abriga a exposição Em Torno das Cinco Peles. As obras são de 14 artistas do Ateliê de Gravura Projeto Impresso e usam como base o conceito das Cinco Peles do Homem, do artista, político e arquiteto austríaco Friedensreich Hundertwasser (1928-2000). Com curadoria da diretora do Solar, Piedade Grinberg, a mostra fica aberta para visitação até o dia 28 de abril, das 10h às 17h, e depois segue para o Centro Cultural Sesiminas Yves Alves, em Tiradentes, Minas Gerais.



FOTOS FERNANDA P. SZUSTER

Trabalho de Sônia Távora. A colaboradora do Ateliê trabalha com o uso da imagem e ocupação espacial



Também de Sônia, a instalação 'Abrigo' é composta por linha sintética, madeira e ganchos de metal

'Arbórea', xilogravura da ceramista e escultora Cynthia Dreyer



'Handle With Care', de 2015, da artista argentina Teresa Stengel

